

Novos Estudos

N.º 38 MARÇO DE 1994

NOVOS ESTUDOS CEBRAP

ISSN 0101-3300

NOVOS ESTUDOS é uma publicação quadrimestral (março, julho, novembro) do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap).

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Flávio de Oliveira Pierucci, Augusto Massi, Danielle Ardaillon, Francisco de Oliveira, Gabriel Bolaffi, José Arthur Giannotti, Juarez Rubens Brandão Lopes, Luiz Felipe de Alencastro, Márcio Suzuki, Maria Hermínia Tavares de Almeida, Otacílio F. Nunes Jr., Pedro Paulo Poppovic, Ricardo Ribeiro Terra, Roberto Schwarz, Rodrigo Naves, Ruth Corrêa Leite Cardoso, Vilmar Faria.

DIRETOR RESPONSÁVEL

Francisco de Oliveira

EDITOR

Rodrigo Naves

EDITOR-ASSISTENTE

Otacílio F. Nunes Jr.

SECRETARIA E DIVULGAÇÃO

Mariza Cabreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Germana Monte-Mór

EDITORIAÇÃO

Fernando Mismetti, Milton Paulo

IMPRESSÃO

Lis Gráfica

Assinatura (3 números)

Brasil: CR\$ 13.500,00 (sujeito a alteração)

Exterior: US\$ 40 (instituições, US\$ 60), incluído

porte aéreo

© Copyright Mundial Cebrap — Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

Rua Morgado de Mateus, 615 — Telefone:

(011) 574-0399 — CEP 04015-902 — São Paulo,

Brasil

FAX: 55-011-574-5928

Nº 38 — março de 1994

AOS COLABORADORES

NOVOS ESTUDOS aceita propostas de artigos, mas todas as colaborações não encomendadas são submetidas ao Conselho Editorial, a quem cabe a decisão final sobre sua publicação. O Conselho Editorial reserva-se o direito de sugerir ao autor modificações de forma, com o objetivo de adequar os artigos às dimensões da revista ou ao seu padrão editorial e gráfico. As notas de rodapé e referências bibliográficas devem ser evitadas ou restritas ao mínimo indispensável. A publicação de um artigo não exprime endosso do Conselho de todas as afirmações feitas pelo autor (as instruções para envio de artigos se encontram no final da revista).



CEBRAP

O Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) é uma entidade privada, sem fins lucrativos, especializada em pesquisas, estudos e assessoria técnica no campo das ciências sociais.

COMISSÃO DE DIREÇÃO

Francisco de Oliveira (presidente), Elza Berquó, José Arthur Giannotti, Ruth Corrêa Leite Cardoso.

CONSELHO DIRETOR E FISCAL

Antônio Ignácio Angarita da Silva, Carmen Sylvia Junqueira, Celso Lafer, João Yunes, Leônicio M. Rodrigues Neto, Luiz Carlos Bresser Pereira, Manoel Tosta Berlinck, Márcio Segall, Melanie Farkas, Orlando Figueiredo, Oswaldo Herbster de Gusmão, Pedro Paulo Poppovic, Roberto Schwarz, Rubens Murillo Marques, Vilmar Faria.

Tiragem desta edição: 2.500 exemplares.

Capa de Carlos Fajardo

A reconquista da Amazônia
Francisco de Oliveira 3

Prolegômenos a uma estética do rock
Bruce Baugh 15

O processo legislativo e a produção legal no Congresso pós-Constituinte
Argelina Cheibub Figueiredo e Fernando Limongi 24

Esfera pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil
Sérgio Costa 38

Woody Allen: entre a política e a lírica
Luiz Renato Martins 53

Os direitos humanos e o dilema latino-americano às vésperas do século XXI
José Eduardo Faria 61

Caçando com gato
John Manuel Monteiro 79

Literatura e cultura de massa
Silviano Santiago 89

Dinâmica institucional da representação
Carlos Alberto Marques Novaes 99

O impacto das técnicas "japonesas" de administração na indústria brasileira
John Humphrey 148

A encruzilhada da política ambiental brasileira
Laymert Garcia dos Santos 168

Estado, reforma fiscal e governabilidade democrática: qual Estado?
Lourdes Sola 189

Particulares de "Campo Geral", novela de Guimarães Rosa
Ana Maria Galano 206

Clientelismo e política no Brasil
George Avelino Filho 225

Livros 241

PARTICULARES DE "CAMPO GERAL", NOVELA DE GUIMARÃES ROSA

Ana Maria Galano

RESUMO

O cerrado mineiro passou nas duas últimas décadas por um processo de ocupação nos moldes da modernização capitalista da agricultura que teve como um de seus pressupostos a visão da região como uma área deserta. Seus poucos habitantes não teriam o necessário "espírito aventureiro", a "coragem" ou a "mentalidade" para lançar-se na "conquista" da região. O artigo procura contrapor-se a essa visão por meio de uma análise da novela "Campo Geral", de João Guimarães Rosa.

Palavras-chave: cerrado mineiro; modernização capitalista; João Guimarães Rosa.

SUMMARY

Over the past two decades, the savannah region of Minas Gerais has faced a process of capitalist modernization of agriculture, which held as one of its assumptions a view of the region as a desert area. According to this view, the few inhabitants of the region did not possess the "adventurous spirit", "courage" or "mentality" necessary for the "conquest" of the region. This article proposes an alternative view through an analysis of João Guimarães Rosa's short novel "Campo Geral".

Keywords: savannah of Minas Gerais; capitalist modernization; João Guimarães Rosa.

Tomador de conta. Em áreas do cerrado de Minas Gerais, a expressão designa uma categoria de trabalhador rural que está desaparecendo. Sobre suas atividades, a informação é quase de todo imprecisa: "era família que morava ali, mas saíam para trabalhar não sei onde... Tomadores de conta lá da área, essas coisas assim. Eram áreas desertas".

A insistência em falar de deserto me chamou a atenção desde as primeiras entrevistas para um estudo sobre transformações sociais e modernização da agricultura no cerrado mineiro. As superfícies que, nos últimos vinte anos, passaram a ser cultivadas com soja, trigo, café etc. eram sistematicamente apresentadas como áreas até então desabitadas, ou quase. Ali tudo seria começo. Os pioneiros, originários do Sul do país, teriam sabido aproveitar as novas estradas, os incentivos fiscais, as vantagens creditícias, a assistência técnica oferecidos aos que quisessem se instalar como agricultores modernos no cerrado.

O
que a po
teria o r
para lan
Di
armadill
solos d
principa
social v
É
conduzi
M
área "d
principa
devolut
Sô Sintr
Sintra, J
Nhanin
pelo "p
S
Migueli
Podem
remoto
Nhô Be
Salúz"
A
e o "p
usozin
da nov
finalme
de Mig
I
intui q
Dito, a
toda s
Esta m
memb
de pa
sociali
passa
arrisca
de Mi

des da
pudes
da te

O discurso da modernização capitalista da agricultura também afirma que a população local — a que por vezes concede fugidia existência — não teria o necessário “espírito aventureiro”, a “coragem” ou a “mentalidade” para lançar-se no empreendimento de “conquista do cerrado”.

Discutir as aptidões de uns e outros não leva muito longe. Cai-se na armadilha de uma única modalidade possível de mudanças na utilização dos solos do cerrado, a que foi adotada. E, de quebra, aceita-se um dos principais argumentos de sua legitimação: a de que ali havia um espaço social vazio até a recente vaga de modernização agrícola.

É contra a representação do cerrado mineiro como área deserta que foi conduzida a análise da novela “Campo Geral”, de João Guimarães Rosa¹.

Mutum, o local onde ocorrem os episódios da novela, situa-se numa área “distante de qualquer parte”². Ainda assim, Miguilim e sua família, principais personagens, não ocupavam um espaço social novo. Nem devolutas nem previamente inexploradas, as terras do Mutum pertenciam a Sô Sintra, assim como o “gadame”, que é “boiadinha alheia” (p. 127). Sô Sintra, sempre ausente, não é sequer o primeiro proprietário do Mutum. Nhanina, mãe de Miguilim, diz muito apreciar uns coqueiros altos plantados pelo “primeiro dono que fez a casa” (p. 95).

Se o Mutum já tivera dono anterior, Nhô Bernardo Caz, o pai de Miguilim antes trabalhara em Pau-Roxo, outro “buraco do mato” (p. 16). Podem-se ler estes dados como indicações sobre a itinerância entre lugares remotos e o interesse pela apropriação privada de suas terras. No Mutum, Nhô Bernardo “trabalha ajustado em tomar conta, em parte com o vaqueiro Salúz” (p. 74).

Ali, no Mutum, há roças entre matos; gado no curral e no “pasto a fora” e o “pessoal da família cada um lidando em suas miúdas obrigações, no usozinho” (p. 58). A vida rotineira num “lugar” do cerrado. Mas, os episódios da novela correspondem a momentos em que se agravam, se distendem e, finalmente, tornam-se irremediáveis os conflitos entre membros da família de Miguilim.

Desde as páginas iniciais da novela, Miguilim, então com oito anos, intui que no “começo de tudo, tinha um erro”³. Os diálogos com o irmão Dito, as perguntas feitas aos demais personagens, os comentários deles a toda sorte de acontecimentos: são muitos os pontos de vista da narração⁴. Esta multiplicidade reproduz a superposição de funções sociais em certos membros da família de Miguilim e em personagens com que não tem laços de parentesco. A redundância, a difusão e o esvaziamento de funções sociais teriam origem em transgressões: “um erro”? Há pecados num passado recente e um muito mais antigo — o de Caim contra Abel —, que arriscavam de se repetir. Esta é certamente a versão de Vovó Izidra, tia-avó de Miguilim.

Nesta análise de “Campo Geral” procurei observar quais particularidades da estrutura da família de Miguilim⁵ tiveram de ser eliminadas, para que pudesse permanecer “tomando conta” do Mutum. O acesso à propriedade da terra sendo vedado à família de Miguilim, conservar o estatuto de

(1) Guimarães Rosa, João. “Campo Geral”. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 (14ª edição).

(2) Antonio Candido fala da relativa facilidade de localizar os topônimos referidos em *Grande sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e da necessária cautela: “Aos poucos vemos surgir um universo fictício, à medida que a realidade geográfica é recoberta pela natureza convencional” (Candido, Antonio. “O homem dos avessos”. In: idem. *Tese e antítese*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1964, p. 124). Em “Campo Geral” quatro pontos cardiais servem de referência para situar aproximadamente o Mutum: Buritis-do-Urucuia, terra do pai de Miguilim; Quartel-Geral-do-Abacé, de sua mãe; São Romão, onde vive o tio Osmundo Cessim, e Curvelo, cidade em que Miguilim ia finalmente morar. O triângulo formado por Buritis, Quartel-Geral e São Romão está todo localizado à margem esquerda do rio São Francisco. Em *Grande sertão: Veredas*, trata-se do lado “nefasto”, margem “da vingança e da dor [...]”. Curvelo, à margem direita do São Francisco, localiza-se no lado fasto, para onde muda-se Miguilim com a esperança de alguma felicidade.

(3) Clara de Andrade Alvim estuda o desenvolvimento de “Campo Geral” a partir da perplexidade inicial de Miguilim, de seu desejo de consertar o “erro” e como, a duras penas, ele evolui para uma “sabedoria interiorizada”: a de que a “impossibilidade de aceitar contradições é limitação”. Ao concluir seu estudo, a autora indaga se em “Guimarães Rosa, a questão da pobreza — o tratamento que lhe é atribuído — não corresponderia à mesma situação indicada como insuperável, mas insuperável, em certos mitos e contos populares”. Andrade Alvim, Clara. “Representações da pobreza e da riqueza em Guimarães Rosa”. In: Schwarz, Roberto, org. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 170-4.

tomador de conta significa primordialmente não perder uma certa, limitada autonomia.

1. Partes desiguais e algum desajuste

O trabalhar "ajustado em tomar conta em parte com o vaqueiro Salúz" não implica igual repartição de responsabilidades entre ele e Nhô Bernardo. Se ambos têm atividades produtivas diretas⁶, só ao Pai incumbe "fazer ajustes", por exemplo, com um aprendiz de vaqueiro e com "enxadeiros-meeiros". Nhô Bernardo decide ainda sobre a venda de produtos de suas roças (p. 119), do leite (p. 138) e do gado (p. 98); e supervisiona a ferra dos bezerros (p. 54).

A composição da família de Nhô Bernardo e a do vaqueiro Salúz, assim como as casas em que moram, revelam a diferença entre o ciclo de desenvolvimento dos dois grupos domésticos e de seus respectivos níveis de vida. É pequena a família nuclear do vaqueiro Salúz: Siarlinda, sua mulher, e Bustica, o filho pequeno. Na casa de Nhô Bernardo vivem nove pessoas ligadas entre si por laços de parentesco — a Mãe, cinco filhos; Vovó Izidra, tia da Mãe; Tio Terêz, irmão do Pai — e mais três mulheres da cozinha (Rosa, Maitina e Maria Pretinha).

A casa do vaqueiro Salúz, vista por Miguilim, é "pequena, toda de buriti". No jirau, onde dormiu com Bustica, não tinha "roupa-de-cama: só panos de saco que Siarlinda uns nos outros costurava". Embora muito "envelhecida", com telhas arrancadas pela chuva, a casa do Pai tem vários quartos; a sala onde a família come; a cozinha e seu "acrescente". Há um constante movimento dos personagens no quintal, onde fica o varal de roupa; na horta, no chiqueiro e no curral que são próximos da casa. Do alpendre da fachada, divisa-se o pátio, que funciona como centro de sociabilidade do Mutum.

Pouco se sabe sobre o teor do ajuste, ou trato, entre Sô Sintra, Nhô Bernardo e o vaqueiro Salúz. Alguma parte do gado pertence ao Pai, tanto é que pode atribuir bezerros a seus filhos (p. 67). Sabe-se menos sobre a repartição do produto do trabalho dos "meeiros-enxadeiros" ajustados por Nhô Bernardo.

Por ocasião da ferra dos bezerros, um dos animais se fere nas pontas de aroeira de uma cerca:

Como o Pai ficou furioso: até quase chorou de raiva! Exclamava que ele era pobre, em ponto de virar miserável, pedidor de esmola, a casa não era dele, as terras ali não eram dele, o trabalho era demais, e só tinha prejuízo sempre, acabava não podendo tirar para sustento de comida da família. Não tinha posse nem para retelhar a casa velha, [...] nem recurso para mandar fazer uma boa cerca de réguas, [...] Que não podia arranjar garrote com algum bom sangue [...] (p. 55).

(4) Sobre a fala e a construção da narrativa por Guimarães Rosa, ver Schwarz, Roberto. "Grande sertão: a fala". In: *A sereta e o desconfiado*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965. Em "Campo Geral" não há dimensão épica nem fluxo oral de um "monólogo inserto em situação dialógica". A função narrativa é assegurada de início e várias outras vezes pelo autor. Trata-se de presença muito discreta porque não há diferenças no vocabulário nem na sintaxe entre autor-narrador e personagens. Por vezes, a narração também é assumida por Miguilim, eventualmente sob a forma de monólogo interior. É Miguilim, por exemplo, que consigna uma das expressões do desentendimento entre adultos de sua família: só dirigiam-se diretamente a palavra em momentos de crise.

(5) José Sérgio Leite Lopes afirma que a análise da situação particular das famílias, descritas por José Lins do Rego, mesmo quando "anormais", com relação a outras famílias da mesma classe, pode fornecer elementos para o esclarecimento da regra. (Leite Lopes, José Sérgio. "Relações de parentesco e de propriedade nos romances do ciclo da cana de José Lins do Rego". In: Velho, Gilberto, org. *Arte e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. Em "Campo Geral" não há elementos para que se compare a situação da família de Miguilim e a de outras ocupando a mesma posição social. Para identificar as particularidades na estrutura da família de Miguilim, utilizei a própria trama da novela e a importância que tem a questão do erro; a comparação com as "anomalias" identificadas por J.S. Leite Lopes; estudos sobre condições de vida e de trabalho do campesinato brasileiro.

(6) O pai planta milho, feijão, batata-doce, pimenta, arroz, algodão e mandioca; o vaqueiro Salúz efetua inúmeras tarefas de trato do gado.

Do lamento do Pai se depreende que as múltiplas atividades exercidas ou geridas por ele não garantiam a satisfação de um "nível de consumo socialmente necessário"⁷. Mas não é por falta de empenho do Pai que não saem de "debaixo da pobreza" (p. 125), nas palavras da Mãe. Ela diz que Nhô Bernardo trabalha muito nas roças — "que nem um negro no cativeiro" (p. 91). O comentário não é propriamente enaltecido: o Pai é branco, "arruivado", e não "roxo", como o vaqueiro Salúz, seu subordinado. Além de que o Pai, responsável pela hierarquia do "tomar conta" do Mutum, trabalha nas roças como seus "meeiros-enxadeiros". Esta atividade distancia Nhô Bernardo daqueles que tinham maior prestígio social em áreas de cerrado, fazendeiros e vaqueiros, que não pegavam em enxada⁸. A particularidade se explica em diálogo entre Miguilim e o irmão: "Mas Pai desanima de galopar nunca, não vem vaquejar boiadas". E Dito lhe lembra que Nhô Bernardo "não aguenta campeio. Pai padece de escandescência" (p. 74).

Embora se acumulem sugestões de que o Pai é um personagem socialmente incompleto, há também nele qualidades que o fazem um homem inteiro dentre os demais do Mutum e redondezas. A Nhô Bernardo, o vizinho seo Aristeu vinha prevenir que "uma anta enorme estava trançando [...] reviajava de chapada p'ra chapada" e marcar data para a "batida da anta" (p. 66).

2. Lacunas do Pai e inteireza de Tio Terêz

O personagem do Pai é no entanto construído principalmente sobre suas falhas. Quando contracenado pela primeira vez com Miguilim e a Mãe, ele aparece como homem rancoroso que, ao exercer a autoridade paterna, funda a necessidade de punição em algo que a Mãe considera um equívoco: "— Deixa de cisma, Béro, o menino está nervoso [...] Mas o Pai ainda ralhava mais". Miguilim percebe que "devia de ter procedido mal e desgostado o Pai, coisa que não queria, de forma nenhuma, e que mesmo agora largava-o num atordoado arrependimento de perdão" (p. 15).

O episódio condensa brechas para a ascendência do Pai sobre a família: o discernimento limitado de Nhô Bernardo, aos olhos da Mãe; a dificuldade para Miguilim de agir segundo normas de comportamento que não lhe parecem claras.

Nhô Bernardo, usando da prerrogativa do pai de família de decidir o momento em que os filhos começam a ter tarefas fora de casa⁹, anuncia que Miguilim passa a levar-lhe o "almoço na rocinha". A alegria de Miguilim é "a sus": "Pai estava achando que ele tinha préstimo para ajudar" (p. 67). Mas, Nhô Bernardo não achava que o filho alcançara idade para algum aprendizado do trabalho agrícola. Queria apenas corrigir-lhe o caráter fantasioso. Eis Miguilim mais uma vez induzido em desorientação. Durante toda a refeição, na roça, o Pai não fala com Miguilim. Ele tenta então iniciar uma

(7) Garcia Jr., Afranio R. *Terra de trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 136.

(8) Pierson, Donald. *O homem no vale do São Francisco*. Rio de Janeiro: Ministério do Interior, Suvale, 1972, tomo II, p. 299.

(9) Heredia, Beatriz. *A morada da vida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 108.

conversa: "— Pai, quando o senhor achar que eu posso, eu venho também, ajudar o senhor capinar roça".

Como o Pai nada respondeu, Miguilim teve novamente medo: de "ter falado bobagem faltando ao respeito" (p. 69).

À incompreensão do Pai com o "nervoso" de Miguilim contrapõe-se o comportamento de Tio Terêz. Ao levar Miguilim para ser crismado no Sucuriju, Tio Terêz mostra cumplicidade com o sobrinho que "às vezes nem conseguia chorar, e ficava sufocado". Miguilim descobre que "umedecendo as ventas" aliviava sua aflição. Como os caminhos das chapadas eram secos, Tio Terêz acumulava água numa cabacinha que oferecia a Miguilim dizendo-lhe: "— É para beber [...] caçoando. Mas Miguilim ria também e preferia não beber sua parte, deixava-a para embeber o lenço e refrescar o nariz, na hora do arrocho" (p. 14). É o tio ainda que, "de bom coração", ensina a Miguilim como "armar urupuca para pegar passarinhos".

Ao mutismo do Pai, opõe-se o gosto de Tio Terêz em comentar fatos da natureza: "Na araraiguama do mato de baixo, os tucanos estão reunidos lá, gritando conversado, cantoria de gente" (p. 26). Se interrogado sobre uma palavra, coisa desconhecida, não se furtava de responder: "— Que é que é flauta, Tio Terêz?" "— Flauta era assovio feito, de instrumento, a melhor remedava o pio assim do sanhaço grande, o ioio-ioim deles" (p. 51). São explicações também preciosamente conservadas por Dito que, a respeito do que é um circo, responde a Miguilim: "— É uma moça galopando em pé em riba do cavalo, e homens revestidos, com farinha branca na cara [...] Tio Terêz disse" (p. 34).

Tendo em vista as funções que Tio Terêz cumpre na educação dos meninos, ele ocupa um espaço que o Pai, por seu silêncio e rudeza, deixa vazio. Assim o Pai e o Tio aparecem como elementos redundantes, desempenhando funções iguais de forma antagônica (severidade/bondade; mutismo obtuso/fala perspicaz; transmissão insuficiente/eficiente de conhecimentos). Mas não há apenas uma questão de redundância. Tio Terêz, tão sensível e delicado, destaca-se mais do que o Pai em atividades associadas a força viril¹⁰ e tem o ofício de "levantar" gado em campo aberto, que desfruta de prestígio muito maior do que o de "roceiro".

Em episódio cujos desdobramentos se estendem ao longo de toda a novela, revela-se espaço em que a redundância do Pai e de Tio Terêz é radicalmente impossível: "Eu acho, Pai, não quer que Mãe converse mais nunca com o Tio Terêz [...] Mas está soluçando em pranto, demais da conta" (p. 22).

A suspeita de infidelidade conjugal acentua ainda mais as lacunas do Pai, que não consegue assegurar o cumprimento de um padrão social básico em sua casa¹¹. Para restabelecer a ordem, o Pai usa de violência física contra a Mãe, suscitando reações diferentes nos filhos. Dito afasta-se do lugar e tenta inutilmente arrastar Miguilim com ele. Outra vez Miguilim faltará ao respeito, intrometendo-se na briga. O episódio tem por desfecho uma surra em Miguilim. Quanto a Tio Terêz, fará breve reaparição na narrativa para ser imediatamente expulso da casa de Miguilim.

(10) Enquanto o Pai "doidava" caçando um tatu, Tio Terêz adentra a cozinha carregando displicentemente um coelho morto. Em caçada coletiva, o Pai não consegue impedir que um de seus cães favoritos seja esmagado por um tamanduá e sequer se alcança a anta perseguida.

(11) Garcia Jr., Afranio R., op. cit., p. 116.

Eliminado o fator do desequilíbrio doméstico, a ordem estaria restaurada e, a tal ponto, que o Pai reintroduz em casa outro homem solteiro, Luisaltino: "um moço muito bonito apessoado" (p. 88), segundo Drelina, a mais velha das irmãs de Miguilim. Trata-se de um meeiro, cujos bens limitam-se a uma trouxa, uns trens e o papagaio Papaco-o-Paco. O Pai justifica o convite a Luisaltino pela conveniência de se ter "outro homem de respeito" em casa, em face da ameaça que representavam os "criminosos que andavam soltos nos Gerais" (p. 88)¹².

Luisaltino logo reproduz certas práticas e comportamentos semelhantes aos de Tio Terêz. Ensina a fazer gaiola de passarinho (p. 91), improvisa bóia com pau-de-pita (p. 93) e, desde o primeiro encontro com Miguilim, Luisaltino pega em sua mão e lhe sorri com "olhos alumiados".

O Pai, embora não gostasse de papagaios, admitiu Papaco-o-Paco, que seria "um que se respeitava". Mas, assim que se manifestou, Papaco-o-Paco pareceu cantar muito intimamente para a Mãe: "Olerê lerê lerá, morena dos olhos tristes, muda esse modo de olhar" (p. 90).

3. Linda e triste; velha e virtuosa

É como "mulher linda, com cabelos pretos e compridos" que Nhanina, a Mãe, entra na novela dizendo sua tristeza em ter de viver no Mutum. Queixa-se "principalmente nos demorados meses chuvosos, [...] ou mesmo na estiagem, qualquer dia, de tardinha, na hora do sol entrar" (p. 14).

Ao intrometer-se na briga entre os pais, Miguilim desafiara a autoridade do Pai mas só pensara em proteger a mãe. E, quando está amargando o castigo no tamborete, Miguilim pensa que nem mesmo Vovó Izidra o defendera. Logo ela, de quem "até o pai parecia ter medo" (p. 22).

E, de fato, numa circunstância crucial, Vovó Izidra, com "uma curta brabeza diferente, palavras raspadas" (p. 27), não hesita em expulsar de casa o irmão do Pai: "Falava que por umas coisas assim é que há questão de brigas e mortes, desmanchando com as famílias. [...] Vovó Izidra xingava Tio Terêz de 'Caim', que matou Abel" (p. 28). E, proferida a ordem de expulsão, proíbe-o de dar adeus a Nhanina, sua sobrinha.

Se Nhanina vivia "espalhando suspiros, lastimosa", só restaria à tia assumir as atribuições de dona de casa e de mãe de família. Mas não é bem assim. Para começar, são as três mulheres da cozinha que, além de preparar os alimentos, se ocupam da horta, dos porcos e das galinhas. E Nhanina até mesmo se incumbem de certas sobremesas, como creme de buriti. Quanto a práticas de higiene e de preservação da saúde das crianças, a Mãe e Vovó Izidra são igualmente ativas¹³.

À mesa, quando "Pai, Mãe e Vovó Izidra estavam desaliviados [...] não conversavam assuntos de gente grande, uns com os outros, mas cada um por sua vez falava era com os meninos, alegando algum malfeito deles" (p. 38). Nhanina era portanto capaz de ralar, embora sem a

(12) Dentre as ameaças, destacava-se a de sequestro de mulheres casadas: O "Brasilino Boca-de-Bagre, que cercava as pessoas nas estradas, roubava de tudo, até tinha aparecido na Vereda do Terentém [...] conduziu a mulher do Zé Ijim, emprestada por três dias, devolveu só dali a quase um mês!" (p. 42).

Pai "doidava" Tio Terêz a carregando um coelho na coletiva, o impedir que favoritos seja tamanduá e a anta per-

ranho R., op.

(13) A Mãe passa pente-fino e óleo de babosa no cabelo das filhas, e aplica cristal na mão de Miguilim ferida pelo touro Rio Grande (p. 97); Vovó Izidra espreme joão-leite na ferroada de marimbondo em Tomezinho (p. 96) e tálamo de bálsamo no corte do pé de Dito (p. 101).

insistência de Vovó Izidra, que "não parava nunca de zangar com todos, por conta de tudo" (p. 22).

Quando o Pai recebe visitas de vizinhos, Vovó Izidra está sempre ao lado do casal. Avulta então o personagem porque suas opiniões, não sendo inteiramente iguais às do Pai, entram em franca discordância com as de Nhanina. Assim, Vovó Izidra "dava valor" a Seo Deográcias, que tinha "ofício de cobrador" e "entendia de remédios". Era homem viúvo com "dentes desarranjados" e fisionomia de "careta cã". Nhô Bernardo aproveitou uma de suas visitas para que Miguilim fosse examinado e Seo Deográcias diagnosticou que "p'ra passar a héctico é só facilitar de beirinha". Nhanina teria preferido que chamassem Seo Aristeu, o rastreador de caça, que também "assisava de aconselhar remédio". Mas Vovó Izidra reprovava a preferência de Nhanina por seo Aristeu: o "demo" lhe ensinaria a "formar profecias das coisas". E para o Pai, seo Aristeu "mal entende do que é, catrumano labutante como nós..." (p. 45).

Em compensação, desde que sozinha com as crianças, Nhanina, como Tio Terêz, informava sobre o passado, coisas distantes e desconhecidas. Mas a melancolia da Mãe podia ressurgir num momento de êxtase, por exemplo, quando diz a Miguilim que o "lumeio" dos vaga-lumes é um acenado de amor" (p. 79)

Ainda assim, feitas as contas, verifica-se que Nhanina não está completamente ausente de nenhuma frente de atividade doméstica. A mudança é radical quando se passa para o domínio das práticas religiosas. Vovó Izidra reina então sem qualquer partilha, decidindo as ocasiões e os rituais de culto que ela mesma oficia. Quando de uma tempestade, Vovó Izidra acende vela santa, queima ramo bento e invoca a proteção de Santa Bárbara e de São Jerônimo que "salvavam de qualquer perigo de desordem": "[...] ensinava alto que o demônio estava despassando nossa casa, rodeando, os homens já sabiam o sangue um do outro, a gente carecia de rezar sem esbarrar" (p. 34).

Este é o único episódio da novela em que a Mãe dirige a palavra a Vovó Izidra e tenta timidamente opor-se a ela: "Mãe ponteava, com muita cordura, que Vovó Izidra devia de não exaltar coisas assim, perto dos meninos" (p. 34). A réplica é uma pérola de má-fé: "Os meninos necessitam saber, valença de rezar junto. Inocência deles é que pode livrar a gente de brabos castigos, o pecado já firmou aqui no meio, braseado, você mesma é quem sabe, minha filha!". Como criança repreendida, a Mãe abaixa a cabeça. Nhanina, mulher casada, mãe de filhos, é mantida "nena"¹⁴.

Tia da Mãe, Vovó Izidra acompanhou-a quando do casamento com Nhô Bernardo. A infantilização da sobrinha é um poderoso meio para que Vovó Izidra não se encontre na posição de mulher "sem função social"¹⁵. Ainda mais que Vó Benvinda, a mãe de Nhanina, também passou a viver com o novo casal. Acontece que Vó Benvinda colocou-se ela própria de lado: "[...] caprichava muito com Deus, só queria era rezar e comer, e ralhava mole com os meninos" (p. 34). Sabe-se, por indiscrição de um vaqueiro, que "Vó Benvinda quando moça tinha sido mulher-à-toa". Com o que já se

(14) Cf. "Tomezinho, que só tinha quatro anos, menino neno", p. 19.

(15) Nos romances de José Lins do Rego, solteironas, loucas e "banidas" pelos maridos são mulheres "sem função social". Leite Lopes, J.S., op. cit., p. 81.

conhece de Vovó Izidra é possível imaginar seu ativo papel na culpabilização, na exortação ao incessante orar como tentativa de expiação dos passados pecados e, finalmente, na apatia vegetativa de Vó Benvinda. Quantas vezes não terá dito a irmã que o “demônio diligenciava de entrar em mulher, virava cadela de satanás” (p. 35) como, diante das crianças, diz a Nhanina?

4. Erros sem acerto (I)

Inexistindo referência a casamento de Vovó Izidra, pode-se supor que, solteirona, vivera na casa da irmã Benvinda. Em algum momento da vida, talvez em Quartel-Geral-do-Abaeté quando “mulher-à-toa”, Benvinda teve dois filhos — Nhanina e Osmundo — mas nada se sabe sobre o pai deles, ou seus respectivos pais. A ausência de marido estável teria levado à emergência de uma família matrifocal, cabendo a maternidade forte a Izidra, que cuidaria das crianças; enquanto Benvinda, circulava¹⁶.

Ao enxotar Tio Terêz, Vovó Izidra conserva a proeminência que, por hipótese, desfrutara antes do casamento da sobrinha. Depois de expulso Tio Terêz, Nhô Bernardo volta para casa à “hora do angu dos cachorros”. Almoça com toda a família e, segundo relata Miguilim, “não estava zangado, não dizia” (p. 38). O silêncio de Nhô Bernardo oculta a decisão soberana de Vovó Izidra. A ordem na casa se teria restabelecido por si mesma, sem que formalmente a ascendência de Nhô Bernardo fosse prejudicada.

Qual a cumplicidade existente entre Vovó Izidra (azeda) e Nhô Bernardo, Bero (fero), além de gostarem de café “amargoso”, que os faz agir em coordenada dupla? A chave da associação será revelada quando ambos se ausentam do Mutum para, respectivamente, servir de parteira e fazer visita de pêsames. A noite se converte então no “dia mais alegre”: Nhanina anuncia “que todos iam executar um passeio até onde se quisesse, se entendesse” (p. 93).

As transgressões sucedem-se rapidamente. De serão anterior, no pátio da casa, o Pai não participara. A Mãe só saía quando chamada pelos filhos para ver os vaga-lumes. Agora, Nhanina tomava a iniciativa e a dianteira: “ia na frente, conversando com Luisaltino”, tendo por séquito os meninos com cavalo-de-pau; a filha Chica, com uma boneca; duas das mulheres da cozinha; os vaqueiros e “mais gente” (p. 93). Não era a primeira vez que Luisaltino conversava sozinho com Nhanina. Dito já os pilhara (p. 91) e contara a Miguilim que falavam sobre Tio Terêz. Durante o passeio, Luisaltino diz a Nhanina que “judiação do mal era por causa que os pais casavam as filhas muito meninas, nem deixavam que elas escolhessem noivo” (p. 94).

Se Nhanina não se casara por amor, quem escolheu Nhô Bernardo para seu marido? É possível que Vovó Izidra, em Quartel-Geral-do-Abaeté, tenha decidido casar precocemente Nhanina para protegê-la do risco de

(16) Sobre a ausência de família nuclear, a constituição de família matrifocal e “maternidade forte”, cf. Leite Lopes, J.S., op. cit., p. 73.

zinho, que só
mos, menino

es de José Lins
onas, loucas e
maridos são
unção social”.
op. cit., p. 81.

prostituição, por ser criada numa família matrifocal e filha de "mulher-à-toa"¹⁷.

Nhô Bernardo deve ter sido pretendente tão enamorado quanto continuava apaixonado pela esposa, conforme Miguilim uma vez observa: "o pai gostava de mamãe, com o ser, com os olhos como que ele olhava, tanto querendo-bem; e o pai estava remoçado" (p. 44).

No momento em que transcorre a ação no Mutum, o Pai tem por rivais Tio Terêz e Luisaltino, solteiros e provavelmente mais jovens do que ele. E Nhanina permanecia a esposa muito moça¹⁸ de um sisudo homem barbado. Para Nhanina, filha de prostituta, não teria sido o partido possível? E, mais do que possível, ideal, porque certas circunstâncias converteram o matrimônio de Nhô Bernardo, roceiro de Buritis-do-Urucuia, com a estigmatizada Nhanina, em casamento hipogâmico¹⁹:

— Nhanina leva consigo uma espécie de dote constituído por uma (Mãitina), senão duas (Rosa também) mulheres da cozinha, além de uma tia virtuosa e a mãe em fase de arrependimento místico;

— Nhanina é uma jovem cidadina, prendada (sabe fazer sobremesas e costurar algum remendo) e alfabetizada.

Indiretamente, Nhô Bernardo menospreza sua condição de roceiro ao referir-se a seo Aristeu como "catrumano labutante como nós". Este pouco apreço permeia a educação dos filhos e suas aspirações. A Miguilim e a Dito já era confiada a tarefa de ajudar Mãitina a "arrancar inhame p'ra os porcos". Trata-se de atividade praticada nos arredores da casa que, em circunstâncias habituais²⁰, seria decidida pela mãe. No Mutum, a ordem é dada por Vovó Izidra na sequência de um pito (p. 71). Mais tarde, os meninos passariam para a órbita do pai e aprenderiam técnicas relativas às sucessivas etapas do ciclo produtivo no campo. Esta passagem no entanto nunca ocorrerá. Nhô Bernardo fará Miguilim trabalhar na roça e até mais longe, mas sempre como punição. Em nenhum momento haverá associação positiva entre desempenho paterno na socialização dos filhos e perspectiva de reprodução social. Dito, quando manifesta a aspiração de suceder ao Pai como tomador de conta do Mutum, não pensa em ser "roceiro", mas criar um "gadão enorme" (p. 99).

Ausente ou errático no adestramento dos filhos, Nhô Bernardo manifesta decisão mais nítida quanto a alfabetizá-los: "— Seo Deográcias, o senhor que sabe escola, podia querer ensinar o Miguilim e o Dito, assim vez por vez, domingo ou outro, para eles não seguirem atraso de ignorância?" (p. 43)

Alfabetizar os filhos significaria dotá-los de conhecimento de que o próprio Nhô Bernardo não dispõe, como transparece no diálogo acima e se confirma pelo enleamento com o fato de Nhanina "saber as letras". Em face de seo Deográcias, homem podendo até escrever carta ao Presidente para denunciar a "falta de providências naquelas más brenhas", o Pai recusa subordinar-se além de certo ponto: não pensasse seo Deográcias que "tudo o que fala é minhas-ordens" (p. 56).

Esta meia resistência Nhô Bernardo já não pode oferecer frente a Osmundo Cessim, o irmão de Nhanina. É na casa de Osmundo, em Vila-

(17) Leite Lopes, J.S., op. cit., p. 85.

(18) Em momento de doloroso afeto pela Mãe, Miguilim lembra como trata dos cabelos de Chica e Drelinha como se fossem "suas duas muito irmãzinhas", p. 62.

(19) Casamento em que ocorre uma desigualdade de *status* entre os cônjuges, o marido tendo *status* inferior ao da mulher.

(20) Heredia, Beatriz, op. cit., p. 108.

J.S., op. cit., p.

Risonha-de-São Romão que se criava Liovaldo, o primogênito do casal. Quando de sua única visita ao Mutum, visita de pêsames, Osmundo Cessim “trouxe um pano de roupa para Mãe, um facão novo para o Pai, uma roupinha para cada um dos meninos. Trouxe pão, que dava para todos; e bacalhau; e um rosário de contas roxas, para Vovó Izidra” (p. 120). Às benesses de tio Osmundo, se contrapunha a nenhuma vantagem material propiciada à família do Mutum por Tio Terêz, irmão de Nhô Bernardo. À volta do Sucuriju, onde Tio Terêz levava Miguilim para ser crismado, ele só pode dar aos irmãos um falso santinho — “uma figura de moça, recortada de um jornal”.

Ao longo dos anos, o casamento mantivera-se hipogâmico e Vovó Izidra conservava lugar de destaque, usurpando atribuições de Nhanina e de Nhô Bernardo. Quanto a Nhanina, não haveria sequer propriamente usurpação. Ao tornar-se adulta, revela tão forte tendência ao pecado que tem de ser mantida sob vigilância para que não “desmanche” a família.

5. De Rosa e Mãitina à paternidade difusa

Miguilim, com os pais vivos, e por causa de sucessivos erros sem acerto, atravessa situações de semi-orfandade. Ora falta-lhe a Mãe, só voltada para a tristeza, segundo Dito; ou para os homens que a atraem. Ora, quase sempre, falta-lhe o Pai.

Há dúvidas de Miguilim — “Vovó Izidra não tinha de gostar de Mãe? Então, por que era que judiava, judiava?” (p. 35) — que ficam sem resposta. Há discordâncias de apreciações que não podem ser conferidas: “Tio Terêz não parecia com Caim, jeito nenhum. Tio Terêz parecia com Abel” (p. 37), pensa Miguilim, duvidando da acusação de Vovó Izidra.

Passado algum tempo que fora corrido de casa por Vovó Izidra, Tio Terêz reaparece furtivamente. O Tio relembra a Miguilim o dia em que juraram “ser amigos de lei, leal”. E, logo depois, pede ao sobrinho que, “bem escondido”, entregue um bilhete à Mãe e traga-lhe a resposta (p. 70).

A situação mergulha Miguilim em terrível crise moral: ser desleal ao Pai; expor uns e outros aos desatinos agourados por Vovó Izidra; faltar ao Tio e o que fazer do bilhete? Dito, em sua concisão pragmática, não consegue ajudar: “— Dito, como é que a gente sabe certo como não deve fazer alguma coisa, mesmo os outros não estando vendo?” “— A gente sabe, pronto” (p. 74). Miguilim continuará perguntando a sua volta, sem achar solução para um problema que sequer pode enunciar. Mas, quando a Mãe associa prazer e erro — “— Ah, meu filhinho, tudo que a gente acha bom mesmo fazer, se gosta demais, então já pode saber que é malfeito...” — revela-se inelutável necessidade para Miguilim de recorrer a amparo fora da família.

to de doloroso
Miguilim re-
ta dos cabelos
lina como se
as muito irmã-

em que ocorre
le de *status* en-
o marido tendo
da mulher.

atriz, op. cit.,

Mulheres da cozinha

Rosa, quando citada pela primeira vez, está "limpando tripas de porco, prá se assar", enquanto Nhanina prepara uma de suas sobremesas. A Rosa incumbem as tarefas que exigem maior iniciativa, destreza e capacidade de cálculo²¹. Não se sabe como Rosa, "branca [...] gorda e meia velha" (p. 99) chegou à casa de Miguilim, mas ela sabe que tem de prestar serviços à família.

Dizia-se de Maitina que era "negra fugida, debaixo do cativoiro, que acharam caída na enxurrada, num tempo em que Mamãe nem era nascida" (p. 25). A ela são atribuídos os trabalhos mais pesados e mecânicos²². Em troca da proteção da família de Izidra e Benvinda, Maitina viu-se condenada a incessante atividade e nenhum reconhecimento. Ao intimar Maitina a comparecer ao culto antidesordens, Vovó Izidra trata-a como peso morto, nega-lhe qualquer prática produtiva e desqualifica sua fé: "Traste de negra pagã, encostada na cozinha, mascando fumo e rezando para os demônios dela, africanos!" (p. 33). Assim, se Maitina cozinha e dorme num canto "trevoso", estava exatamente em seu lugar. A Maitina, diferentemente de Rosa, davam-se ordens e muitas, mas se "estivesse com raiva ninguém tinha coragem de mandar" (p. 41). O personagem submetido a maior opressão é também o que desafia proibições religiosas²³, não interioriza a obrigação de servir nem a de manifestar gratidão a seus protetores. Ao contrário, Maitina podia insultar os da família dizendo que "todos não prestavam" (p. 49).

Maria Pretinha é uma espécie de auxiliar de Rosa com quem aparece "acabando de fazer o jantar". Dela só se conhece o riso "sem rumor nenhum" (p. 89). Foi provavelmente criada pela família de Miguilim, que ainda a inclui dentre as crianças de casa (p. 45). Mas Maria Pretinha já tem a astúcia de servir café para o vaqueiro Salúz (p. 89) — como Rosa traz copo d'água sem ser pedido (p. 101) —, quando quer inquirir sobre o vaqueiro Jé. E Maria Pretinha não tarda em fugir com Jé, o que provoca irada reação de Rosa: "[...] corjo desgramado! Sempre eu disse que ele era do rabo quente... Levou a negrinha a cavalo" (p. 99).

Rosa perdia a auxiliar e a "negrinha" escapava do semicativoiro em que ela e Maitina iam permanecer. Mas Rosa é muito ciosa de marcar sua diferença com a ex-escrava: chama-a de "negra" e de "feiticeira", como faz Vovó Izidra. Aliás, Rosa tem algo da severidade de Vovó Izidra e, como ela, vigia muito as crianças. Tenta evitar, por exemplo, que adquiram precocemente certos conhecimentos e que não fossem mais longe do que a insinuação sexual quando Maitina, em momentos de efusão ou de fúria, apresentava o "sesso".

Na verdade, até para Rosa a presença de Vovó Izidra é opressiva. Quando a casa ficou "mais alegrada", devido a Vovó Izidra sair para servir de parteira, Rosa levou os meninos para uma pescaria: "foi muito divertido, a gente brincava de rolar à toa no capim dos verdes" (p. 93). A Rosa é que Miguilim se dirige após dois frustrados pedidos de ajuda por temor da

(21) É ela que recolhe um balde esquecido na beira do curral (p. 30); que limpa o açúcar "mexendo no tacho", ou seja, que executa a precisa tarefa de depuração (p. 75) e que "deita" as galinhas (pp. 91, 117).

(22) Por exemplo: arrancar inhame — "cavacava com o enxadão [...] pegava própria terra do chão com os dedos do pé dela" (p. 71) — e bater paçoca no pilão (p. 111). Durante "horas completas" ficava cozinhando goiabada (p. 49) ou sabão, feito de fruta de tingui (p. 93). Cabia-lhe ainda bater "a roupa na laje do lava-douro" (p. 98).

(23) Vovó Izidra dava busca em seus "guardados" e lançava ao fogo os "calunguinhas". Pouco adiantava a fúria inquisitorial de Vovó Izidra: Maitina de novo esculpia tocos de pau.

doença a
Vovó Izidra
não regu
dar "qua
[...] que
tísico" (p

Vaqueiro

O
vaqueiro
"meio de
de caça
Tomezin

Ma
mentos
sasar un
um dia,
Luisaltin

— que

Co

que as r
conflito

Terêz, o
é que

coment

morar n

e o rest

[...]" —

assim é

enviava

Q

poucos

veredas

Miguilim

modos,

nos mat

camara

entre as

ficar sal

"— A n

então o

bezerrin

tudo" (p

doença anunciada por seo Deográcias. Fingindo medo de trovão, pedira a Vovó Izidra que rezassem “de oratório”, mas a tia-avó diz que “aquela chuva não regulava de se acender vela” (p. 47). Mãitina, bêbada, não pudera lhe dar “qualquer assinzinho de socorro” (p. 50). Então decide-se por Rosa: “[...] que coisa é a gente ficar héctico?” — Menino, fala isso não. Héctico é tísico” (p. 50).

Vaqueiros e seo Aristeu

O Mutum seria bem mais triste não fosse a frequente presença dos vaqueiros e as visitas do vizinho seo Aristeu. Sem os vaqueiros, não haveria “meio de tardinha” jogos no pátio, nem os serões quando Salúz conta casos de caçada. Não haveria também passeios na garupa do cavalo para Tomezinho e Chica.

Mas, além disso, os vaqueiros é que ensinam aos meninos conhecimentos relativos à criação do gado: onde havia berne, como tirar leite ou sarar uma “pisadura”. Transmitiam conhecimentos empíricos para quem, um dia, iria trabalhar como eles, vaqueiros. Nisso diferem de Tio Terêz e de Luisaltino que ensinam técnicas — fazer armadilha e gaiola para passarinho — que são reminiscências de sua própria infância.

Com os vaqueiros, os meninos do Mutum experimentam um desafio que as mulheres da cozinha não podem propiciar. Se a ninguém escapa o conflito entre Nhanina e Nhô Bernardo, além da iniludível expulsão de Tio Terêz, os meninos não falam sobre o assunto com ninguém. Vaqueiro Salúz é que rompe o silêncio, a dissimulação, sem fazer propriamente um comentário, muito menos maledicente ou desrespeitoso: “— Tio Terêz foi morar no Tabuleiro Branco [...] o vaqueiro Salúz vai lá levar o cavalo dele e o resto das coisas [...] Tio Terêz decerto que quer trabalhar p’ra Sá Cefisa [...]” — Por que Dito? P’ra sempre?” — [...] Vaqueiro Salúz disse que até assim é bom, Tio Terêz acaba se casando com Sá Cefisa, que ela é mulher enviuvada” (p. 41).

Quando Miguilim acompanha Salúz no campeio, ocorre um dos poucos episódios da novela em que “foi tudo bom”. Enquanto “beiravam as veredas, verdinhas, o buritizal brilhante”, vaqueiro Salúz cantou e falou com Miguilim. Já na casa de Salúz, em que ele ficava “outro, mais dono, nos modos, na fala”, Jé vem avisar que “tinha aparecido uma onça muito grande nos matos do Mutum”. Há então uma conversa entre os vaqueiros que revela camaradagem bem diversa da competição e da hierarquia étnica existente entre as mulheres da cozinha submetidas à dominação de Vovó Izidra. Ao ficar sabendo que Maria Pretinha estava grávida, o vaqueiro Salúz comenta: “— A modo e coisa que eu cá sou roxo, e a Sirlinda é roxa, Bustiquinha então deu o dado. Mas você, Jé, mais a Maria Pretinha, eu acho que o bezerrim é capaz de ser baetão, mouro ou chumbado [...]. E todos riram tudo” (p. 128).

Dentre os personagens de "Campo Geral", o de seo Aristeu é o que detém maior número de conhecimentos empíricos (roceiro, rastreador de animais de caça e de criação, apicultor, prático em remédios) e além disto "toca uma viola...", conforme suspira Nhanina. Mas, o que mais atrai Miguilim em seo Aristeu são as "coisas dançadas no ar" que sempre diz (p. 66).

Seo Aristeu desperta a "idéia de vontade de poder saber fazer uma estória" (p. 70) em Miguilim, que evolui da vontade para a narrativa, descobrindo o tenso prazer da fluência e da criação: "Miguilim contava, sem carecer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não esbarrava de contar, estava tão alegre, nervoso, aquilo para ele era o entendimento maior" (p. 104).

6. Erros sem acerto (II)

Nos episódios em que Dito aparece doente e agonizante, o papel de Vovó Izidra continua expandindo-se, em detrimento dos de Nhanina e de Nhô Bernardo. O personagem de Luisaltino também cresce nos mesmos episódios.

Dito corta o pé num caco de pote, um "talho enorme", e Rosa, *pietã* prenunciadora da tragédia, carrega-o e lavam-lhe o ferimento: "a água ficava vermelha de sangue" (p. 101). Vovó Izidra pressente o perigo: "— Vamos rezar, vamos rezar! [...] nunca ela tinha estado tão sem sossego assim" (p. 102).

Luisaltino manifesta atenção carinhosa por Dito em linguagem para menino entender: "Você está danado, Dito, por causa?". Dito reage com a cerimônia de quem quer evitar intimidade: "Estou não, seo Luisaltino, custumei muito com essas coisas...". Luisaltino, no entanto, continua a se desdobrar em cuidados. Sai a cavalo "a mais de um dia de viagem, aonde tinha um fazendeiro que vendia, buscar remédio" e traz "pastilhazinhas" (p. 102).

Dito já desenganado, os vizinhos vêm ao Mutum. Em meio ao choro "aos arrancos" de seo Brízido Boi, à amargura de seo Deográcias, às palavras bonitas de seo Aristeu, e na proximidade do próprio Dito morrente, o Pai e Vovó Izidra ainda praticam um rápido ajuste: o vaqueiro Jé e Maria Pretinha não "precisavam nenhum de ir s'embora, ficavam aqui mesmo em casa os dois trabalhando; e Vovó Izidra disse que, quando viesse padre por perto, pelo direito se casavam" (p. 107).

Nhanina não participa do ajuste nem do culto oficiado por Vovó Izidra: "Só Mãe ficou ajoelhada na beira da cama, tomando conta do menino dela, dizia" (p. 107). E, para o enterro, "exclama" sua vontade acerca da mortalha de Dito. Nhô Bernardo já tinha desenrolado a redezinha de buriti; a Mãe diz que quer o "filhinho dela no lençol de alvura. Então embrulharam o Dito na colcha de chita" (p. 111).

M
reflui d
Miguilim
é a prim
nervosi
de traba
é um m
Mãe, "v
sentime
O
mas é a
Bernar
doença
Invade
sobrem
açúcar
Ao res
excesso
Miguil
também
Izidra.
é o pap
das sol
autorid
assegu
ascend
devota
do-Uru
na cas
E
peculia
ordena
a cabe
M
trabalh
ofensi
a visita
domés
adema
reforç
I
Osmu
do ex
recebi
vaque
com c

Mas, durante o “tempo de doer”, o luto por Dito, o personagem da Mãe reflui da exclamação para o suspiro. É em torno do comportamento de Miguilim que recomeçam as divergências entre o Pai e Nhanina. Vovó Izidra é a primeira a criticar: “— Isso nem é mais estima pelo irmão morto. Isso é nervosias” (p. 112). Depois, é a vez do Pai: “— Diacho de menino, carece de trabalhar [...]. Uma poia! [...] O que ele quer é sempre ser mais do que nós, é um menino que despreza os outros e se dá muitos penachos” (p. 115). A Mãe, “vagarosa”, tenta defender Miguilim, argumentando com seu “muito sentimento”. Depois suspira e cala-se.

O episódio reapresenta a dinâmica do triângulo Mãe-Vovó Izidra-Pai, mas é através desta idêntica “conversa” entre os adultos da família que Nhô Bernardo inicia um verdadeiro acerto de contas. Tão ausente durante a doença fatal de Dito, o Pai amplia brutalmente sua participação no enredo. Invade o pequeno território de liberdade doméstica da Mãe, o das sobremesas: “Nhanina quer é empobrecer ligeiro o final da gente com tanto açúcar que gasta, só fazendo porcaria de doces e comidas de luxo” (p. 116). Ao resmungar que “Bero tem osso no coração”, até Vovó Izidra estranha o excesso do Pai. É que a acusação de arrogância e pretensão, dirigida a Miguilim, embora proferida “nem olhando” para o filho, estende-se ao que também haveria de “penachos” em certas práticas da Mãe e da própria Vovó Izidra. Ao se envolver com a gestão da cozinha, o Pai destitui a Mãe do que é o papel central da dona de casa²⁴. Mas, como Nhanina só detém o controle das sobremesas por concessão da tia, o Pai começa a invadir o campo de autoridade de Vovó Izidra, colocando em jogo o acordo tácito que lhe assegura a função social usurpada a Nhanina, e a tentar conquistar a ascendência que lhe devia caber enquanto Pai de numerosa prole, marido devotado e incansável trabalhador. Com o sotaque de roceiro dos Buritis-do-Urucuia, Nhô Bernardo estava afirmando que ele afinal é quem mandava na casa.

Em sua volta ao campo, Miguilim é submetido a novas doses da peculiar pedagogia de Nhô Bernardo. O Pai nada lhe ensina e apenas ordena: “Teu eito é aqui. Capina” (p. 117). Como a Mãe, Miguilim “abaixava a cabeça”.

Mas a ofensiva de Nhô Bernardo para dobrar Miguilim através do trabalho sob comando autoritário estará fadada ao fracasso. O momento da ofensiva revela-se aliás particularmente desfavorável porque coincide com a visita de pêsames de Osmundo Cessim e de Liovaldo. O difícil adversário doméstico — as mulheres Cessim, Vovó Izidra e Nhanina, com seus ademanes injustificados, e os que o Pai atribui a Miguilim — recebe o reforço do “penacho” legítimo e legitimador de Osmundo.

Não estava ao alcance do Pai retribuir os presentes trazidos por Osmundo Cessim. Nhô Bernardo manifesta então sua deferência oferecendo excepcionais condições de lazer ao filho primogênito: “O Liovaldo recebia cavalo selado e ia brincar de campear com o vaqueiro Jé ou com o vaqueiro Salúz” (p. 120). Mas, desde o primeiro momento, Liovaldo trata com displicente superioridade os irmãos do Mutum e os próprios pertences

(24) Garcia Jr., Afrânio R., op. cit., p. 170.

do Pai. Papaco-o-Paco, o único bem do Mutum que Liovaldo cobiça, não é ironicamente do Pai, mas de Luisaltino. Nem oferecendo o papagaio, que seu por completo não era, Nhô Bernardo consegue retribuir as gentilezas dos parentes ricos: Liovaldo "não pode levar o Papaco-o-Paco porque tio Osmundo falou que aperreava a viagem" (p. 131).

Nhô Bernardo não sai nada engrandecido da visita do poderoso cunhado. Miguilim, em mais nenhum momento, se submete interiormente ao Pai: só obrigado toma-lhe a bênção, sem demonstrar respeito. Contrariamente a Nhô Bernardo, Miguilim consegue ombrear com Osmundo Cessim recusando sua "pratinha de dinheiro", o que lhe vale elogio do tio: "Este um não vai envergonhar ninguém, não" (p. 131). Enquanto isso, Nhanina continuava mantendo ambíguas relações que fazem Miguilim pensar que "Mãe gostava era do Luisaltino" (p. 125).

Dos desmandos, o Pai evolui para total desvelo, quando Miguilim adoece e parece correr perigo de vida. Como Luisaltino fizera por Dito, também o Pai sai à procura de alívio. A semelhança limita-se à partida a cavalo; Luisaltino trouxera "pastilhazinhas" e o Pai não acha laranja "em nenhuma parte nos Gerais" (p. 135).

Por fim, Nhô Bernardo decide resolver ele mesmo — e não mais permitir que Vovó Izidra aja em seu lugar — o problema criado pelas tais relações entre Nhanina e Luisaltino. Mas, para restabelecer o respeito em sua casa, o Pai condena-se à morte. Mata Luisaltino, foge para o mato e termina por enforcar-se, no meio do cerrado, "com um cipó, ficou pendurado numa moita grande de miroró" (p. 137).

Cumpria-se assim a profecia de Vovó Izidra, corrigida por Miguilim. Como ele especulava, o Pai é que parecia com Caim, o que mataria. Nhô Bernardo, roceiro — como Caim, lavrador — não suportaria que Tio Terêz, vaqueiro — como Abel, pastor de ovelhas — fosse preferido não por Deus²⁵, mas por Nhanina. E acaba por matar Luisaltino, substituído no coração da Mãe, realizando mais um, seu último ato de desajuste.

(25) *Gênesis* 4:1-10.

7. Riscos de real orfandade

A morte de Nhô Bernardo cria uma situação bem diversa da falsa semi-orfandade provocada pelas complicações afetivas, e outras, entre os pais de Miguilim. Nhanina, seus filhos e agregados ficavam agora ameaçados de perder a posição que cabia à família de um tomador de conta e de resvalar socialmente.

Através da enumeração dos vizinhos presentes ao velório de Dito tem-se uma visão da sociedade das veredas adjacentes ao Mutum. Há casais cujos nomes dos dois cônjuges são referidos: seo Braz do Bião e dona Eugeniana; o velho Rocha Surubim e dona Lelena, da Vereda do Bugre. O primeiro casal se fez acompanhar dos filhos e dos vaqueiros do Bião; o segundo, de filhos casados e suas respectivas esposas. Pelo séquito

e devido à
terra de su
ocupar po
a gorda, d
com séus
rios de te
subordina
habitantes
proveniêr
uma men

A p
lente nos
Bernardo
menos, a

Cas
irmão, pe
tário abs
renovada

Enc
riscos de
por Majé
órfãos.

Gri
pobreza:
buriti e u

de ser s
vendend
tem de C
gente, e
Miguilim

O
de o Pat
ele tem
cometid

Ha
arlequin
pouco d
do Coch

conhece
fogo, a
luto pre

pedindo
"Patori
aquelas
D

"tão arl

e devido à possibilidade de guardar os filhos próximos, provavelmente em terra de sua propriedade, os casais do Bião e da vereda do Bugre parecem ocupar posição social superior nos arredores do Mutum. Seguem-se Siá Ía, a gorda, dona do Atrás-do-Alto, e o vaqueiro Riduado, "vaqueiro próprio", com seus filhos também vaqueiros. Aqui termina a camada de proprietários de terra e de gado. Os demais vizinhos ocupam posição claramente subordinada, como os "enxadeiros-meeiros", ou têm posição indefinida: habitantes avulsos do Nhangã (o Frieza; um rapazinho Lugolino) ou sem proveniência discriminada: o Tiotônio Engole, papudo; "muitas mulheres, uma meninada" (p. 110).

A posição social que Nhô Bernardo ocupava não tinha assim equivalente nos arredores do Mutum. Embora não fosse proprietário, Nhô Bernardo não integrara a camada fluida das posições indefinidas nem, muito menos, a de acentuada subordinação de seus próprios meeiros.

Caso Nhanina decidisse buscar proteção junto a Osmundo Cessim, seu irmão, perderia a autonomia limitada resultante do ajuste com um proprietário ausenteísta. Em Vila Risonha de São Romão, Nhanina dependeria de renovada, cotidiana concessão de favor.

Enquanto permaneciam no Mutum, e à falta de elementos novos, os riscos de real orfandade se configuravam nas situações vividas por Grivo e por Majéla-Patori, meninos de idade próxima à de Miguilim e também semi-órfãos.

Grivo é órfão de pai e vive com sua mãe em estado de extrema pobreza: "[...] a única coisa que era deles, por empréstimo, era um coqueiro buriti e um olho-d'água. Diziam que eles até pediam esmola" (p. 89). Apesar de ser só "um pouquinho maior que Miguilim", Grivo já trabalhava vendendo cascas de árvore, breu-de-borá e patos. A última notícia que se tem de Grivo é de que foi ajustado por Nhô Bernardo "p'ra trabalhar com a gente, ele quer aprender ofício de vaqueiro", conforme Jé anuncia a Miguilim.

O filho do viúvo seo Deográcias, o "Majéla [...] mas que todos chamam de o Patori" (p. 39), é um estranho menino de "dentes dentuços". Para Rosa, ele tem "olho ruim" e o vaqueiro Salúz chega a ter repertório de "patifarias" cometidas por Patori desde pequeno (p. 40).

Há um momento em que Miguilim pensa em Patori como "tão arlequim" (p. 46), mas a expressão fica injustificada frente a acontecimento pouco depois sucedido: Patori mata "assassinado um rapaz dez léguas de lá do Cocho" e depois "esquipou no mundo" (p. 87). Sobre o crime, só se conhece a versão de seo Deográcias: "estavam experimentando arma-de-fogo, a garrucha disparou, o rapazinho morreu depressa demais" (p. 87). De luto preventivo, encanecido de repente, seo Deográcias sai em campo pedindo que o filho seja cercado "sem brutalidade". Finalmente, acham "Patori morto, parece que morreu mesmo de fome, tornado vagando por aquelas chapadas" (p. 93).

Depois de Patori ter desaparecido, Miguilim lembra-se do que nele era "tão arlequim": Patori tocava

um berimbau de fibra de buriti [...] era bonito, tristonho. Ou então, outras ocasiões, o Patori fazia de conta que era toda qualidade de bicho. [...] Miguilim ria de em barriga não caber, e o Patori sério falava: — Miguilim, Miguilim, a vida é assim... Era divertido (p. 119).

Arlequim e patife, há algo turvo na relação de Patori com as mulheres. Ao ensinar a Miguilim "como é que menino nasce", Patori revela inconsciência sobre o risco de suas fantasias sexuais confessadas: "[...] contava como era feita a mãe de Miguilim, que tinha pernas formosas". A reação de Miguilim é imediata: "— Isso tu não fala, Patori. — Miguilim dava passo". Ainda assim, o episódio não termina mal para Patori que, aproveitando um descuido, joga lama em Miguilim e depois, como sempre, "explicava aos mais velhos — Eu até gosto tanto de Miguilim..." (p. 40).

Mas será que com o "rapazinho" assassinado Patori não teria tido maior dificuldade em desfazer alguma palavra deslocada ou gesto traiçoeiro?

Entre uma infância encurtada pelo precoce acesso à condição de aprendiz de vaqueiro, como ocorre a Grivo, ou tomar-se um jovem assassino, como Patori, as perspectivas abertas pela semi-orfandade eram ambas pouco promissoras, embora a do lado da ordem preservasse a vida e a da transgressão fosse letal.

8. Happy end?

Nas páginas finais da novela, a ação se acelera com chegadas e partidas do Mutum.

Tio Terêz reaparece "com um fumo de luto no paletó". Voltava para "morar com eles, trabalhando, sempre".

Vovó Izidra despede-se de Miguilim: "ia embora por nunca mais, ali não ficava" (p. 136).

A família se reestrutura através de uma rápida adequação de personagens e funções sociais. Cessam as sobreposições, redundâncias, usurpações, esvaziamentos e difusão de funções sociais com o desaparecimento de certas particularidades da família. Dá-se o conserto de vários erros.

A mãe, para anunciar a morte de Nhô Bernardo a Miguilim, profere a sua primeira tímida invocação religiosa: "[...] meu Deus, tem pena de nós!" (p. 135). Às divindades punidoras de Vovó Izidra irão suceder as caridosas de Nhanina. Ao castigo prometido, a (auto-)absolvição: "— Miguilim, não foi culpa de ninguém, não foi culpa — todas as vezes ela repetia" (p. 137).

Tio Terêz assume a função de principal tomador de conta do Mutum: "[...] agora estava trabalhando por demais, fez ajuste com mais um enxadeiro, e ia se agenciar de garroteiro, também" (p. 138). Com Tio Terêz, desaparece a anomalia de o topo da hierarquia social do Mutum ser ocupado por um roceiro. A superioridade de Tio Terêz transparece até

mesmo em suas vestimentas: "Ele tinha uma roupa inteira de couro, mais bonita do que a do vaqueiro Salúz" (p. 138). Pouco tempo antes, vaqueiro Salúz "tinha mandado comprar um chapéu-de-couro novo, e vendera o velho para o vaqueiro Jé" (p. 119).

Quanto a Nhanina, ela realiza a antiga aspiração de escolher ela própria seu noivo: "— Se daqui a uns meses sua mãe se casar com Tio Terêz, Miguilim, isso é de seu gosto?" (p. 138).

Há também indícios de que saía-se da situação tão lamentada por Nhô Bernardo, a de que se "acabava não podendo tirar para sustento de comida da família" (p. 55). Rosa, e não mais a mãe — sinal de que também se aprumava a hierarquia na esfera doméstica do Mutum — faz sobremesas e a mãos-cheias: "todos os doces, de mamão, laranja-da-terra em calda de rapadura, geléia de mocotó" (p. 138).

Por fim, há uma última partida do Mutum, a de Miguilim. Um "senhor de fora", de "óculos, corado, alto, com um chapéu diferente, mesmo" (p. 139) passa pelos arredores do Mutum, a caminho de local onde encontraria com outros caçadores. Tratava-se do doutor José Lourenço. Ele revela que Miguilim tinha "vista curta" e propõe levá-lo para Curvelo: "lá ele comprava uns óculos pequenos, entrava para a escola, depois aprendia ofício" (p. 140).

Miguilim leva o cavalo Diamante para ser vendido na cidade e com ele ficar o dinheiro. Para a partida, Diamante foi "arreado com os estrivos em curto, o pelego melhor acorreado pôr cima da sela". E Tio Terêz dá a Miguilim "a cabacinha formosa, entrelaçada com cipós". O pecúlio, os arreios caprichados e o dom simbolicamente precioso, do tio, sugerem que não se entregava Miguilim para que fosse convertido em agregado, embora Miguilim, é claro, fosse depender do favor de José Lourenço, o doutor de Curvelo.

Para Miguilim, abria-se a perspectiva de recuperar a "luz" de seus olhos, como diz a mãe. E, aprendendo ofício urbano, aumentar sua margem de autonomia ou, pelo menos, ficar menos exposto aos altos riscos de dependência de um filho e, agora, enteado de um tomador de conta.

Quanto ao Mutum, sob a gestão de Tio Terêz, talvez pudesse deixar de ser apenas um "lugar" para tornar-se enfim uma "fazenda", como sonhava Dito e como ocorre com a Samarra, confiada ao tomador de conta Manuelzão em "Uma estória de amor", outra novela de Guimarães Rosa²⁶.

Menos profeta do que grão-senhor em visita à roça, Osmundo Cessim era capaz de abarcar a história lenta e o futuro repetido do Mutum: "[...] aquele lugar ali de primeiro se chamava era Urumutum, depois mudou se chamando Mutum, mais tarde ainda outros nomes diferentes podia ter" (p. 120). Já longe no passado — "Campo Geral" foi publicado em 1957 — o Mutum e seus arredores eram povoados e desde há muito tempo. Nhô Bernardo, o vaqueiro Salúz e Tio Terêz se desincumbiam de complexas tarefas de gestão e de produção a que se chamava "tomar conta". Além desta eficácia específica, conservar o estatuto de tomador de conta podia exigir difíceis arranjos para alcançar um indispensável equilíbrio da estrutura

(26) Cf. Guimarães Rosa, João. "A estória de Lélito e Lina". *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 (14ª edição). "Naquele lugar — nem fazenda, só reposito, um currais-de-gado" (p. 145) e "A Samarra ia virando uma fazenda" (p. 158).

familiar. Transmitir o estatuto aos filhos parece ter sido bem mais improvável. Novamente personagens em "A estória de Lélío e Lina"²⁷, os filhos de Nhô Bernardo — Tomezinho, o caçula, já adulto e chamado Tomé Cássio; Drelina e Chica — tornaram-se respectivamente vaqueiro e esposas de vaqueiros da fazenda do Pinhem, pertencente a seo Senclér. Ao mesmo tempo, sinais precursores de crise nas fazendas de gado tradicionais — como a do Pinhém e mesmo a do Urubuquaquá, "um estado de terra"²⁸, do Cara-de-Bronze — começam a aparecer em apressadas vendas de gado até às vendas de terra, das próprias fazendas. De início, talvez se cumprisse a previsão do vaqueiro Doim, do Urubuquaquá: "[...] sempre há-de ter fazenda aqui, carecendo de campeiros"²⁹. Mas, depois, a perplexidade do vaqueiro Cicica vai revelar-se clarividente: "Então, é verdade — que tudo, de agora, vai mudar?"³⁰.

É num cenário de esmaecimento de fazendas de gado com seus tomadores de conta, muitos vaqueiros e muitos enxadeiros-meeiros que, nos anos 1970, vastos espaços dos cerrados de Minas Gerais deixaram de estar "distante de qualquer parte" ao tornaram-se objeto de ofensiva estratégica do Estado e de cooperativas do Sul do país. Para implantar políticas de modernização agrícola não serviriam várias categorias de trabalhadores rurais do local justamente porque aquelas políticas vieram associadas a planos de colonização com pessoal selecionado do Sul, os "colonos modelo". Foi então que se passou a falar em "áreas desertas" e "vazio social", mas isto nem Osmundo Cessim poderia prever.

(27) Guimarães Rosa, João. "A Estória de Lélío e Lina". No *Urubuquaquá no Pinhém*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984 (8ª edição).

(28) Guimarães Rosa, João. "Cara de Bronze". No *Urubuquaquá no Pinhém*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984 (8ª edição).

(29) Guimarães Rosa, João. "Cara de Bronze", op. cit., p. 83

(30) Guimarães Rosa, João. "Cara de Bronze", op. cit., p. 135.

Recebido para publicação em janeiro de 1993.

Ana Maria Galano é professora no Departamento de Ciências Sociais da UFRJ.

Novos Estudos
CEBRAP
N.º 38, março 1994
pp. 206-224
